

Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem – ST 16

Anne Christine Damásio

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Palavras-chave: Corpos, travestis, drag queens.

### **Deslizando entre corpos: um estudo etnográfico sobre travestis e drag queens**

De que corpos falamos ao pensarmos travestis e drag queens? De corpos ambíguos, “abjetos<sup>i</sup>”, desconcertantes? De corpos cindidos e reconstruídos em um? Como esses corpos são vistos, sentidos, gestados, experienciados e significados pelos sujeitos? Diversas questões foram se delineando quando da interação com os grupos observados, mas o corpo, tanto num grupo quanto no outro, aparecia para mim em toda a sua materialidade, “como lugar onde o mundo poderia ser questionado”(Le Breton, 2003:45) como se livre de uma anatomia de proporções determinadas e de normalizações, fosse possível reinventar esse corpo, afirmando a proeminência do corpo do desejo sobre uma corporeidade anterior. Assim, numa fala pontuada por inconclusões, começo a deslizar entre as miríades de corpos que se mostravam nos espaços que escolhemos pra etnografar, o que nos levou a caminhar por entre corpos inscritos, tatuados com os signos da ambigüidade, nesses espaços subterrâneos e que despertaram fascinação, talvez por também ser gestada pela ambigüidade e recusar a fixidez. Compartilhar com esses sujeitos da intimidade da noite até onde me foi permitido, me mostrou o que geertzianamente eu só havia experimentado em leituras, que eu estava longe de conjurar o subjetivismo tão temido, permanecendo “inevitavelmente mais alheio do que desejava e menos cerebral do que imaginava”(Geertz, 2001:45) e que o esforço maior seria combinar as atitudes, engajada e analítica, de forma única, o que me fez atentar para o fato de que não havia possibilidade, ou mesmo necessidade de conjurar o subjetivismo, e que ele se inseria a partir desses instantes etnográficos, como parte e parcela da pesquisa. Assim seguimos etnografando vivências, entre drags e travestis, de forma a fazer falar aqueles corpos, buscando pontos de convergência e vendo-os separarem-se no momento seguinte. É importante salientar, seguindo as trilhas abertas pelo trabalho de dissertação de Vencato<sup>ii</sup>, que embora existam traços comuns entre essas “metamorfozes de gênero”, existem “aspectos diferenciadores/diferenciantes e principalmente hierárquicos dentro e fora do universo GLS”, o que acredito ser perceptível nas falas colhidas em campo e na forma de organização/disposição dos espaços gays.

Não nos preocupamos nesse primeiro momento em definir o que seria uma drag queen ou uma travesti, sob pena de enquadrá-los dentro de um leque de taxionomias que não davam conta da fluidez inscrita nesses corpos, bastava escutar esses sujeitos, observá-los, para compreender o que esses corpos revelam de nossas construções rigidificantes. Dessa forma drags e travestis nos surgiam não apenas como grupo social a ser estudado e observado, mas como forma de referendar a

fugacidade e inconsistência dos corpos, apresentando-os como “metáfora da transitividade e fluidez inscrita nas sexualidades contemporâneas”(Lopes, 2002:68) como possibilidade de trazer a tona corpos redesenhados e resignificados em suas fronteiras e subjetividade. Sujeitos que através de corpos construídos/montados, rutilam no espetáculo das ruas, na sucessão de festas em que se apresentam. Expostos ao olhar do outro, dispostos ao desejo. Sujeitos que revelam claramente a instabilidade do gênero, o caráter fabricado do mesmo, que revelam outros usos possíveis dos corpos. Corpo/invólucro, primeira demonstração da transitoriedade que joga o sujeito no mundo e dissolve, como apresentado por Butler, a rigidez da equação tantas vezes afirmada entre corpo-sexo-gênero-desejo. Cabe ainda salientar que a constituição da continuidade entre os termos da referida equação, se daria segundo a autora em questão, por um longo processo de racionalização que estabelece a coerência e traz consigo o outro, num jogo hierarquizante. O jeito de ser de uma drag queen revelaria o “caráter paródico de toda atuação de gênero”, mesmo aquelas consideradas originais, verdadeiras, como a constituição do ser homem e ser mulher também ocorreria num regime performativo. Entretanto a drag e a travesti ao mimetizarem o “verdadeiro” gênero subvertem as injunções normativas, revelando os mecanismos culturais de montagem dos gêneros, numa busca pelo feminino que extrapola o mero mimetismo e transcende a lógica linear atrelada a aparente unidade do sujeito, revelando-se numa procura pela ambigüidade cravada no corpo como emblema para a fluidez, solidificando a idéia da identidade como devir.

Encontrar os sujeitos da pesquisa não se revelou uma tarefa árdua, tendo em vista que durante o mestrado, pude elencar na época o que denominei de circuito gay nas noites natalenses. Assim escolhi para pesquisa a boate vogue, localizada no Alecrim, bairro comercial da cidade, por ser a única boate que trabalha com shows de drags semanalmente. Com a observação que ainda está sendo empreendida negocieei minha entrada/permanência com a proprietária, e consegui me aproximar de Shakira<sup>iii</sup>, única drag em Natal que tem contrato fixo de trabalho nessa boate e que organiza as apresentações de outras drags, assim marquei entrevistas e comecei a me aproximar desses personagens notívagos, o que nos propiciou as elaborações introdutórias que apresentaremos. É importante salientar que a observação participante vem sendo realizada, com esse grupo de forma assistemática, ao longo do ano de 2005, primeiro por frequentarmos esses espaços e segundo como estratégia de aproximação do grupo em questão, tendo sido operacionalizada de forma mais contínua desde janeiro de 2006. Quanto as travestis que objetivava pesquisar, era pouco comum(se comparadas com as drags) a presença delas nas boates, seja a vogue, seja os outros espaços voltados ao público homossexual e que no decorrer da pesquisa começou a ser equacionado, inclusive com falas emblemáticas de uma espécie de discriminação intra-grupo contra essa parcela da população homossexual, que convergiam para a relação presente no imaginário social entre travesti-prostituição-violência e que acabava por reforçar aspectos hierárquicos desse universo. Dessa forma

onde encontrá-las? Resolvi me aproximar daquelas que faziam pista<sup>iv</sup> buscando lugares para observá-las e a partir daí construindo estratégias de aproximação. As travestis mencionadas ocupam espaços ao longo da Avenida Engenheiro Roberto Freire, avenida de mão dupla que conduz a um dos bairros nobres da cidade, Ponta Negra. De um lado o calçadão iluminado e destinado a prática de esportes, onde são exibidos corpos autorizados, mulheres e homens em exercício para modelarem o corpo numa lógica de adequação ao padrão estético vigente. Curioso observar uma espécie de “certeza” sempre reformulada via mídia ou programas de “limpeza desse espaço público”, que os corpos não-autorizados das travestis e distribuídos ao longo da avenida, acabam por minar esse ordenamento espacial, numa espécie de proximidade exasperante para aqueles que passam pela Avenida ou se exercitam do outro lado, trazendo para o cotidiano das noites natalenses a diferença que obsedia a sociedade e que só é permitida quando se inscreve a distância dos olhos e dos corpos reconhecidos. Assim as travestis corporificam a incongruência, criam uma atmosfera de ambigüidade que revela a falibilidade da assepsia social reiteradamente pretendida, dessa forma o perigo é criado e demarcado, e os nativos advertidos para não sucumbirem a possibilidade de para além de ter de viver territorialmente, conviver esporadicamente. Durante o dia os espaços ocupados pelas travestis, que tem claramente uma existência diurna solapada, estão funcionalmente distribuídos de outra forma, os pontos comerciais distribuídos ao longo da avenida funcionam, intercalados com garotas que oferecem serviços sexuais. Interessante observar a rigidez dessa adequação territorial e temporal, nas falas das travestis. Quando inquiri uma das travestis entrevistadas acerca da permanência de garotas de programa a noite ela respondeu: *“elas não são nem loucas de trabalhar de noite, porque de noite os pontos são nossos, eu já tô tem nove anos fazendo ponto aqui e também os caras que saem a noite tão procurando trava<sup>vi</sup> e já sabem onde encontrar”*(Kelly). Dessa forma comecei a cartografar os espaços e traçar estratégias de aproximação, o que me possibilitou observá-las trabalhando e finalmente marcar entrevistas, que aconteceram de forma detalhada, sem roteiros fixos nas suas residências por solicitação delas, tendo em vista que minha presença nos espaços de trabalho era apontada como pouco proveitosa. O que me levou a Vila de Ponta negra, numa das pensões onde algumas das travestis que trabalham na avenida Engenheiro Roberto Freire moram, sendo a partir delas que tive contato com outras travestis. Não pretendo nesse momento do trabalho detalhar os caminhos do campo. Me interessa pensar os grupos observados a partir de suas experiências corporais, para além das diferenças e semelhanças claramente demarcadas nas falas.

Assim o corpo toma a cena em toda a sua materialidade, alvo dos olhares, dos discursos, experimentado como antideestino. E nos apropriamos deles como lugar para onde convergem nossas inquietações. Corpos que se inscrevem na contramão das formas ideais, ou seja, enquanto corpos indefiníveis, por evidenciarem a possibilidade de mimetismos, obscurecendo e eclipsando linhas de

fronteiras que obsediam o social quando não estão claramente delineadas. Uma questão interessante a ser referendada é que o processo de intervenção corporal em ambos os grupos, apesar de convergir para a procura pela invenção de um feminino, adquire conotações diversas. Observamos que no caso das travestis a fabricação desse corpo eminentemente feminino se dá colado a um ideal de feminilidade e masculinidade altamente naturalizados, como vigentes no imaginário social. Uma fala nos surge como emblemática para pensar essas alocações de lugares sociais, quando Rebeca descrevendo a frequência de batidas policiais nos últimos tempos, nos deixa entrever esse ideal de masculinidade, diz ela: *“o cara foi homem mesmo, ele saiu do carro e bateu de frente com a polícia, porque tipo assim, ele não tinha arma, não tinha droga, ele só curtia trava e a polícia não tem nada com isso, você não acha? Pra mim é assim, homem tem que provar que é macho mesmo e ele provou, eu não, eu fiquei dentro do carro, linda e loira”*. Acabamos por observar uma reprodução recorrente nas falas acerca do lugar do feminino e do masculino, esse último ligado comumente ao ideal de atividade, força, coragem, ao passo que a mulher caberia a lógica da passividade e fragilidade, é importante salientar contudo, que a alocação desses lugares sociais não se processa de forma estanque, as fronteiras entre masculino/feminino são frágeis e simbióticas, dependendo do momento de existência.

A fabricação do feminino nas travestis ocorre de forma a suprimir aspectos significativos de uma corporeidade anterior, para apresentar sinais inequívocos de uma aparência refeita, fabricando cotidianamente um corpo sempre em processo, sempre inacabado, a ser conquistado com a ingestão de hormônios e a realização de intervenções cirúrgicas. Na pele a maquiagem transformando essa superfície *“em texto ofertado a visão coletiva”*(Le Breton) uma forma de reinvenção de si, descolada de uma corporeidade anterior as intervenções e que propiciará a colocação de si no mundo.

Penso que a abjeção, como posta por Butler, a designar as zonas inabitáveis da vida social, habitada por aqueles que não gozam do status de sujeito, se aplica em larga medida ao corpo da travesti, na medida em que ao materializar *“inscrições corporais desestabilizantes”*, elas passam a incomodar, seja intra ou extra-grupo, como se as mudanças a serem empreendidas só fossem aceitas se reportadas para mudanças radicais e definitivas. Não sendo permitido em absoluto a existência de fronteiras corporais cambiantes, o que no caso das travestis estaria materializado na existência em um corpo de seios imensos, ancas largas(normalmente arredondadas por aplicação de silicone) e o pênis.

Ao passo que a drag montaria um corpo efêmero, vivido na superfície para exibição, evocando claramente a idéia de ambivalência/provisoriedade, implícita na lógica do montar-se. No corpo drag as interferências se dariam em função de adornos(perucas, cílios, maquiagens) assim a drag encarnaria um corpo desmontável, que ao passar pelo processo de montaria traria a tona a

personagem feminina, onde uma série de aspectos são resignificados: modo de andar, gestos, voz, postura. Pergunto a Junior em que momento Shakira aparece? Ele me diz: “ *tem uma amigos que dizem assim, eu só me sinto ela quando coloco a peruca, já eu não, eu tenho uma verdadeira paixão pó cílios, você já notou o tamanho dos cílios que eu coloco? Então ela começa a baixar no momento em que eu coloco os cílios, mas ela baixa mesmo quando eu desço do táxi na porta da boate*”

Outro aspecto recorrente quando pensamos as drags é a possibilidade desses sujeitos de unir em um único corpo características de ambos os gêneros, numa espécie de composição herética que fascina pela ambigüidade explicitada nesse corpo invólucro. A drag brinca com a ambivalência que seu corpo representa, reproduzindo um ideal de beleza feminino, a magreza, mas deixando entrever músculos levemente torneados como aspectos do masculino. Assim ostenta uma feminilidade construída, mas não induz ao apagamento da masculinidade, híbrido ele mancha as fronteiras, ostentando no recurso ao reordenamento das formas corporais, uma ode a fluidez, onde o corpo se apresenta enquanto objeto de criação. Começo a conversar com Junior sobre a surpresa que foi para mim vê-lo desmontado, ele diz: “ *Você não consegue associar a imagem né? É porque eu não consigo estando assim normal ter nada de Shakira, por isso as vezes quando as pessoas pedem pra fazer entrevista, eu digo logo, vocês vão fazer entrevista com Junior, porque eu não consigo falar como Shakira, não estando de Shakira, são mundos completamente diferentes*”. Assim haveria uma forma de portar-se peculiar a cada um dos personagens, que vai se delineando com o personagem incorporado, ou seja começa a se delinear na montagem, como se houvesse um tempo de existir. É importante salientar contudo que a relação entre a personagem e seu criador não é de apartação sendo muito mais simbiótica.

Diversas questões foram surgindo nesse processo de interação com os grupos, que apresento de forma introdutória, uma delas é acerca desse tempo de existir da drag. Penso que o corpo drag em função da provisoriedade que o ato de montar-se oferece, não se enquadra na lógica do corpo abjeto – conceito que utilizarei para pensar esses corpos inabitáveis - em função do retorno a um corpo autorizado e hegemônico, o corpo masculino que é aquele do criador do personagem. De alguma forma o corpo-drag estando ancorado em idéias de temporalidade, ludicidade e artisticidade, encontra uma garantia de expressão, processada através da arte. Sendo sua existência diurna, ao contrário das travestis, assegurada por esse corpo hegemônico.

Objetivamos ao longo desse breve artigo traçar uma cartografia de corpos, contudo, não nos detemos nos corpos domesticados – corpo-homem, corpo-mulher – não buscamos aproximações com esses “corpos que importam”(Butler). Na vastidão social elegemos para análise corpos fluidos, que se inscrevem na contramão das formas “ideais”, com vistas a fazê-los expressar-se, dizer-se, revelando-se em toda a sua potência e precariedade, numa lógica nietzschiana de que talvez a verdade da linguagem seja mesmo o corpo.

## Referências

- BENEDETTI, Marcos. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond:2005.
- BESSA, Karla A. M. Posições de sujeito, atuações de gênero. In. **Revista de Estudos Feministas**. IFCS/UF RJ, vol.6, n.1/98.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: civilização brasileira:2003.
- \_\_\_\_\_. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes(org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- LOPES, Denílson. **O Homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- SANT’ANNA, Denise B. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação liberdade, 2001.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. 20(2): 71-99, Porto Alegre, Jul./dez.1995.
- VENCATO, Anna Paula. **Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis, 2002. Dissertação ( Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- 
- <sup>i</sup> O abjeto como definido por Butler, como toda uma série de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e a materialidade é tida como não importante, em suma seriam seres abjetos, aqueles que não gozam ainda do status de sujeito.
- <sup>ii</sup> O referido trabalho é: Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da ilha de Santa Catarina, de Anna Paula Vencato.
- <sup>iii</sup> Optei por utilizar ao longo do trabalho os nomes reais dos rapazes/drags, primeiro por solicitação deles e segundo em função dos nomes estarem associados com as performances desenvolvidas e serem reivindicados como bens simbólicos no universo gay.
- <sup>iv</sup> Termo utilizado para designar as avenidas onde as travestis oferecem serviços sexuais.
- <sup>v</sup> Os diversos programas empreendidos no Estado para combater a “prostituição infanto-juvenil” , acabam por atingir também esse grupo que oferece serviços sexuais. Pudemos constatar nos momentos que passamos em companhia das travestis que a presença de policiais tem aumentado, em função disso que estamos pensando como tentativas reiteradas de retirar as travestis da Avenida Engenheiro Roberto Freire, numa lógica de assepsia social. Curiosamente o aumento do número de policiais não minou a violência exercida contra esse grupo.
- <sup>vi</sup> Forma abreviada de travestis.